

LEVI HALL DE MOURA E SEUS ASSOMBROS DRAMATÚRGICOS

Mailson de Moraes Soares¹

Resumo: Este estudo discorrerá sobre o dramaturgo paraense Levi Hall de Moura (1907-1983). Por meio de uma breve apresentação de sua biografia, articulada à análise de trechos de suas peças, buscar-se-á delinear o perfil intelectual desse autor, que se destacou como advogado, jornalista, escritor e defensor das causas sociais. Enfatizar-se-á, neste artigo, o modo como o sobrenatural se torna um elemento essencial em sua dramaturgia, adquirindo contornos míticos e religiosos. Para tanto, tomar-se-ão como aporte teórico as contribuições de Loureiro (2011), Maués (1966), Ramos (1988), Castro (1994), entre outros. Metodologicamente, realizou-se um levantamento bibliográfico da obra do autor, seguido da leitura de suas peças, das quais foram selecionados os textos em que o aspecto sobrenatural alcança maior relevância nas tramas ali engendradas.

Palavras-chave: Dramaturgia amazônica; Levi Hall de Moura; sobrenatural.

LEVI HALL DE MOURA AND HIS DRAMATIC HAUNTINGS

Abstract: This study will discuss the playwright from Pará, Levi Hall de Moura (1907-1983). Through his biography, briefly presented, along with excerpts from his plays, the intellectual profile of this author, who stood out as a lawyer, journalist, writer, and defender of social causes, will be presented. This article will emphasize how the supernatural becomes an essential element in his dramaturgy, acquiring mythical, mystical, and religious contours. To this end, Loureiro (2011), Maués (1966), Ramos (1988), Castro (1994), among others, will be used as theoretical support. Methodologically, a bibliographic survey of the author's work was carried out, his plays were read, and the texts in which the supernatural aspect achieves relevance in the plots engendered therein were selected.

Keywords: Amazonian dramaturgy; Levi Hall de Moura; supernatural.

Introdução

O teatro em sua vasta história tem legado aos povos das mais diversas civilizações textos que se constituem bens imateriais, obras dramatúrgicas de riqueza cultural imensurável. São tramas que na acepção clássica (Pavi, 1999), caracterizam-se como dramas, comédias, tragédias, farsas que a partir de seu teor verossímil, assimilam os costumes, aventuras, memórias, ideologias, sabores e dissabores das gerações transcorridas ao longo do tempo.

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Pará. Integrante do Núcleo de Pesquisa Memórias e Culturas Amazônicas (CUMA - UEPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7753-1358>

Assim, a criação teatral em suas dramaturgias dá conta da diversidade e pluralidade das gentes que a produzem, traz as marcas de cada época vivida, sutilezas, particularidades, fatos comuns e complexidades inerentes ao ser humano. Para tanto, os dramaturgos são os profissionais responsáveis por tecer nas letras o que chegará à boca dos atores e atingirá espectadores nas mais diversas plateias.

A vida ganha os palcos enquanto fala de si mesma, em criações poéticas e encenações a percorrer tablados, aldeias, lonas ou o simples chão de ruas e feiras. Os textos teatrais, dessa maneira, e, seus criadores, ainda hoje são de suma importância para as artes cênicas e para a reflexão profunda de nossas existências. O dramaturgo, normalmente, ser inquieto e inventivo, tece em suas peças, à luz de seu tempo e vivências, aquilo que vê, sente ou imagina, jamais isolado do mundo que habita.

De tal modo, também em solo amazônica temos a felicidade de rica produção dramática que historicamente constitui-se, em Belém do Pará, como arte de resistência, diante das agruras políticas, sociais e culturais a que o teatro esteve/está sujeito.

As peças produzidas por autores amazônicas, então, são dignas não somente de serem levadas aos palcos, mas também de serem objeto de leituras e análises que revelem seu potencial poético e transformador. Trata-se de estudos que permitam fruições capazes de enriquecer o cabedal teórico de estudiosos, artistas e pesquisadores, bem como de se constituírem, até mesmo, em um ato de resistência diante da realidade tão dura que se tem vivido nos últimos tempos, na qual a sensibilidade e a cultura têm sido relegadas à desimportância.

Nesse contexto, busca-se na escrita deste artigo estudar parte da obra de Levi Hall de Moura (1907-1983) dramaturgo, advogado e jornalista paraense, que ao longo de sua vida dedicou-se à arte, educação, direito e causas sociais, produzindo dramaturgias que em sua potencialidade poética, aliam o encantamento dramático a uma ética fraternalmente bela e inventiva.

Ressalta-se que para escrita deste texto foi fundamental a consulta ao material produzido pelo Projeto de Pesquisa “Memórias da Dramaturgia Amazônica: construção de acervo dramático”, criado e coordenado pela Profa. Dra. Bene Martins na Universidade Federal do Pará (UFPA), em vigor desde o ano de 2009, que viabiliza a

publicação de peças de dramaturgos amazônidas em formato e-book, disponíveis na página on-line do Programa de Pós-graduação em Arte da UFPA.

Tomado o conhecimento das peças de Levi Hall, publicadas pelo projeto mencionado acima, foi realizada a leitura das seguintes dramaturgias: *Duas Famílias Paraenses* (1937); *Maiandeua* (1944); *O Lobisomem* (1957); *Severa Romana* (1961); *O Reino Encantado* (1976); *Linha de Cura* (sem data) e *Moça casamenteira* (sem data). Feita a leitura das mesmas, selecionou-se dentre elas os textos *O Reino Encantado* e *Linha de Cura*, por trazerem no cerne de sua composição dramática o elemento sobrenatural, configurado na figura de assombrações, pajelança, lugar encantado e misticismo religioso. Chamou atenção a presença deste componente na obra dramática do autor, porque este se evidencia enquanto eixo dramático, sendo inclusive temática central de algumas de suas peças e, pelo sobrenatural compor no imaginário amazônico uma dominante cultural (Loureiro, 2000) a configurar poéticas cotidianas, com destaque levadas ao universo da arte.

Assim, para este estudo tomar-se-á como aporte teórico os autores Loureiro (2011), no que diz respeito à poética amazônida; Maués (1966), referente aos encantados na cosmovisão amazônida; Ramos (1988), em seus estudos sobre a vida de Levi Hall de Moura; Castro (1994), sobre as confluências culturais que constituem o povo brasileiro, dentre outros. Metodologicamente se fez um levantamento bibliográfico da obra do autor aqui estudado, realizou-se a leitura de suas peças e se selecionou os textos aqui abordados dado o destaque que o aspecto sobrenatural alcança nestas dramaturgias.

O artigo segue, então, organizado da seguinte maneira: introdução, em que se apresenta o que se pretende com este estudo; e os seguintes tópicos: Levi Hall de Moura um homem de coragem, em que se descreve brevemente a trajetória do autor; Dramaturgia assombrosa, em que se tece considerações a respeito da dramaturgia de Levi Hall e sobre o conceito de sobrenatural na literatura; Dramaturgia penosa, em que se analisa o elemento sobrenatural presente na peça *O reino encantado* vinculado a partir do universo infantil; Dramaturgia mandingueira, em que se traz a interpretação do sobrenatural como componente central da peça *Maiandeua* evidenciando heranças culturais das práticas religiosas afro-indígenas; e as considerações finais, em que se tece uma síntese do que foi apresentado ao longo do artigo.

Levi Hall de Moura um homem de coragem

²Levi Hall de Moura foi o segundo filho de Álvaro Rodrigues de Moura, guarda-livros da praça³, paraense, e de Angelina Hall de Moura, senhora proveniente de uma família inglesa, que ao casar-se, mudou-se do Maranhão onde era nascida e morava com seus familiares e veio residir em Belém, a acompanhar seu esposo.

Nascido em 1º de outubro de 1907, em Belém do Pará, o dramaturgo em voga, teve dois irmãos: José de Ribamar Hall de Moura, mais velho, e, Sílvio Hall de Moura, o caçula. Desde muito cedo destacou-se no mundo das letras, com 13 anos, em 1920, secretariou o “Estado do Pará Infantil” (Estadinho) periódico que ele editava semanalmente, juntamente com o matutino “Estado do Pará”, de onde era redator principal seu irmão mais velho, José Ribamar Hall de Moura.

No último ano do curso ginasial Levi Hall assumiu a redação do periódico estudantil o GPC, concluindo seus estudos no então “Ginásio Paes de Carvalho”, obteve distinção nas disciplinas Português, História Universal e Filosofia. Deste período, temos como sinal de sua veia artística literária suas produções iniciais a enveredar pelo campo da poesia:

Ao trabalhar no mensário do Colégio Paes de Carvalho, o jovem escritor começou a sua trajetória literária produzindo poesias para os alunos de sua escola. A maioria dos seus poemas encontrados, por seu filho Arnaldo Moura, datam do ano de 1924: *Súplica*, *Da angústia das horas* (6 de março), *Flama Indiscreta* (6 de março), *Seios* (6 de maio), *Do Modernismo dos meus versos* (4 de agosto), *Solteirona*; além de outros datados do ano anterior, como *Beijos* (março de 1923) e *A todos que compreendem* (1923-1924) (Ramos, 2022, p. 02-04).

Seguindo carreira na magistratura, Levi Hall graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Pará, obtendo o grau de advocacia em 1º de janeiro de 1934, sendo orador oficial da solenidade. Vindo a exercer diversas funções na área do direito, como: Escrivão de Polícia, Promotor Público da Capital, Consultor Jurídico do Governo do Território do Acre, Advogado de ofício da Justiça Militar e Pretor do Termo de Mocajuba (município paraense), e, ainda Juiz de Direito por concurso. Exercendo também o magistério como professor de Português da Academia Livre de Comércio da Fênix Caixeral Paraense, do Ginásio Acreano, da Escola Normal do Rio Branco, no Acre;

² Disponíveis em: Levi Hall De Moura Escritor Poeta Teatrólogo. Acesso em: 25/03/2025.

³ Os contadores eram chamados de “guarda-livros”. A origem desse estranho nome era proveniente da sua principal função que, até então, era a de escriturar e manter em boa ordem os livros mercantis das empresas comerciais. O guarda-livros elaborava contratos e distratos; controlava a entrada e saída de dinheiro; produzia correspondências; e se responsabilizava por toda a escrituração mercantil.

no Colégio Estadual Paes de Carvalho, em Belém, lecionando disciplinas, como História da Civilização, História do Brasil, História do Comércio e Legislação Fiscal.

A grandeza profissional e intelectual de Levi Hall de Moura é evidenciada por sua trajetória, tanto como homem do direito, professor, jornalista e autor de literatura:

Os periódicos em que mais publicou foram os jornais Folha do Norte e Folha Vespertina, ambos do estado do Pará. Assim, após uma série de publicações, em capítulos, no suplemento de Arte e Literatura do Jornal Folha do Norte, Levi publica *Esquema da Origem e da Evolução da Sociedade Paraense* (1957), um ensaio de sociologia, história, política, religião, filosofia, linguística e etnologia. Mais adiante, como romancista, na década de 1970, publicou a obra *O Terreno e o Infante*, a qual discorre sobre a trajetória de um personagem sem nome que enfrenta diversos problemas em sua vida pessoal e começa a apresentar mudanças estranhas de comportamento (Ramos, 2022, p. 04).

Ao longo de sua vida publicou largamente em jornais e revistas, não somente de Belém do Pará, mas também do Sul do país, abarcando variadas temáticas: trabalhos de ficção, poesias, crônicas, ensaios, críticas literárias, estudos de folclore, política e economia, estilo e linguística. Vindo a fazer parte da Academia Paraense de Letras, da Associação dos Magistrados Brasileiros, da Sociedade dos Amadores de Astronomia do Pará, da Associação Paraense de Estudos Letárgicos, e, sendo um dos fundadores da Associação dos Juizes do Estado do Pará; à época teve como amigos dois grandes intelectuais, Dalcídio Jurandir⁴ e Bruno de Menezes⁵.

Como membro inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), militou por muito tempo, na condição de advogado, na Justiça comum, Eleitoral, Trabalhista e Militar, destacando-se na defesa de classes marginalizadas e subjugadas da sociedade da época. Intelectual, escritor e homem do direito, comprometido com sua consciência e causas sociais, Levi Hall de Moura foi um ser aguerrido, com brilhantismo e coragem não somente na poesia e dramas que impregnaram suas páginas autorais, como concretizou-se na defesa de presos políticos na época da ditadura Vargas, na década de 30, quando se viveu no Brasil, o chamado Estado Novo.

O trabalho incessante de Levi Hall de Moura na magistratura e a sua participação efetiva no cenário artístico-cultural paraense dos anos 20

⁴ Foi um romancista nascido na Ilha de Marajó em 1909 e falecido em 1970, considerado um dos maiores escritores da Amazônia, em 1972 a Academia Brasileira de Letras lhe concedeu o autor o Prêmio Machado de Assis, entregue por Jorge Amado, pelo conjunto de sua obra.

⁵ Foi um escritor e poeta paraense, nascido em 1893 e falecido em 1963, se destacando por sua poesia modernista tendo como temática central a presença do negro e a cultura afro-brasileira.

moldaram um intelectual consciente das questões sociais, políticas, artísticas e culturais de seu tempo. Por conta disso, as obras literárias de Levi Hall de Moura são marcadas pelo teor crítico-político da sociedade paraense do século XX [...] Por ser membro do Partido Comunista, Levi Hall de Moura acabou por ter uma trajetória marcada por muitos conflitos e embates políticos contra o Governo e em favor de classes historicamente marginalizadas. Foi um intelectual que viveu profundamente o clima de luta pela liberdade política e cultural na década de 30 (Ramos; Pantoja, 2024, p. 99-100).

Desta feita, o que está documentado, como também na memória daqueles que o conheceram como este pensador paraense, homem das artes e do direito, configura-se um humanista que “em épocas difíceis de repressão, preferiu a rebeldia à comodidade. E, tanto na advocacia, quanto no jornalismo [...] Defendeu presos políticos e afrorreligiosos, em uma época em que isso poderia custar sua vida” (Soares, 2022, p. 109).

Porém, seu destemor e posicionamento político receberiam de seus opositores duras penas. Em 1964 em pleno golpe militar Levi Hall seria aposentado compulsoriamente, na tentativa de silenciamento e paralisação de seus atos a favor dos opositores ao golpe. O que não o faria parar, sendo preso em 17 de fevereiro de 1971, aos 64 anos, justamente pela defesa da liberdade de expressão.

Contudo, somente veio silenciar-se de fato em 24 de abril de 1983, quando deixou este mundo, os 74 anos, vítima de parada cardíaca, ficando como herdeiros de seu legado filhos, netos e bisnetos. Pela data de seu centenário em 2007 foi homenageado pela Academia Paraense de Letras, na Semana Cultural da APL. Em 2012, foi o dramaturgo homenageado no III Seminário de Dramaturgia Amazônida organizado pela Prof. Bene Martins na Escola de Teatro e Dança da UFPA.

Seus familiares por meio da justiça, conseguiram em dia 3 de abril de 2020, a anistia política póstuma, tendo em vista ter sido perseguido e preso durante a ditadura militar, eis a nota oficial sobre o caso.

PORTARIA Nº 996, DE 3 DE ABRIL DE 2020 A MINISTRA DE ESTADO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, no uso de suas atribuições legais, com fulcro no artigo 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, regulamentado pela Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002, publicada no Diário Oficial da União de 14 de novembro de 2002, e considerando o resultado do parecer proferido na 2ª Sessão do Conselho da Comissão de Anistia, realizada no dia 19 de fevereiro de 2020, no Requerimento de Anistia nº 2010.01.66839, resolve: Declarar anistiado político post mortem LEVI HALL DE MOURA, filho de ANGELINA HALL DE MOURA, nos termos do artigo 1º, inciso I, da

Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002. DAMARES REGINA ALVES (Diário da União, 2020, p. 62).

Mediante o exposto é comprovável o quanto Levi Hall contribuiu para a cultura, arte e política paraense. Empenhado nas causas sociais, educativas, literárias e jurídicas, legou uma obra de suma importância para letras e palcos paraenses, permanecendo seu nome inscrito na história do Pará. E como não se aparta um homem ou mulher de sua época vivida, tão pouco de suas escolhas políticas ou conduta trajada ao longo de sua existência, humanista por excelência Levi Hall de Moura legaria à cena teatral textos primorosos, frutos de sua verve criativa poderosa, alimentada pelos ganhos culturais acumulados ao longo de sua tão intensa vida.

Dramaturgia assombrosa

A atuação de Levi Hall de Moura como aqui já mencionado se estende por diversos campos do conhecimento, trabalho extenso ao qual dedicou a vida toda, após sua morte ainda houve duas publicações de sua autoria: pela Editora CEJUP, o ensaio sociológico *Papel das Camadas médias nas revoluções de classe* (1986) e pela Falângola Editora, o romance *Oceano Perdido* (1986).

Durante sua atuação na área teatral publicou na imprensa paraense vários textos cênicos, entre os quais: *Duas Famílias Paraenses*; *Maiandeua* – encenada pela primeira vez em 1977 pela Federação de Teatro Amador do Pará-FETAPA, sob a direção de Cláudio Barradas⁶ e, em 2011, houve uma adaptação encenada pelo Grupo de Teatro da UNIPOP, sob direção de Alexandre Luz –; escreveu ainda as peças *O Lobisomem* (peça curiosamente escrita sem nenhum personagem aparecer em cena); *Símbolo*; *Sangue para a Paz* e *o Reino Encantado* (Peça Infantil). Ainda que se tenha notícia sobre as peças *Símbolos* (1948) e *Sangue para a Paz* (1959) não se encontrou sua publicação ou cópia das obras, nem mesmo pela pesquisa realizada pelo projeto “Memórias da Dramaturgia” – o que já abre espaço para novas investigações.

Contabilizando as peças encontradas e lidas, mais as duas que se tem apenas informações a respeito, temos ao todo, nove textos dramáticos escritos por Levi Hall de Moura, a saber: *Duas Famílias Paraenses* (1937), *Maiandeua* (1944), *Símbolos*

⁶ Teatrólogo paraense, nascido em 1930 e falecido em 2025, destacou-se no cinema, rádio e teatro paraenses, formando gerações de atores. Entre as grandes homenagens que recebeu por toda esta trajetória, empresta seu nome ao Teatro Universitário Cláudio Barradas da UFPA, inaugurado em 2009, quando estava prestes a completar seus 80 anos.

(1948), *O Lobisomem* (1957), *Sangue para a Paz* (1959), *Severa Romana* (1961), *O Reino Encantado* (1976), *Linha de Cura* (sem data) e *Moça casamenteira* (sem data).

Abarcando temas diversos em suas dramaturgias Levi Hall com maestria, ora lança seu olhar para as aventuras da infância nos fazendo viajar por mundos encantados, ora tece crítica social a respeito da população que vive ainda de forma indigna entre valas e palafitas. Tendo vivido períodos políticos tão conturbados, enfrentando duas ditaduras, a era Vargas na década de 30 e o golpe militar de 1964, e, como já dito, combatido ambas as situações, o dramaturgo em voga, talvez, escrevesse suas peças ora para encantar o mundo, ora para fazê-lo ser visto em suas difíceis realidades.

Assim, quando o mundo pode-nos parecer tão sombrio, o autor acende com a poesia de seus textos, um refrigério: a doçura das crianças de *O Reino encantado*, as confusões resultantes em situações engraçadas nas relações familiares de *Duas famílias paraenses* e a singeleza das brincadeiras de uma Belém de antigamente em a *Moça Casamenteira*. E, ainda que denunciasses injustiças sociais em *Maiandeuá*, o fazia de modo sensível, para que nos atentássemos àquela realidade sem que isso nos pesasse mais do que já o era em sua concretude.

Em meio as suas criações dramáticas, um elemento ganha relevância, o sobrenatural, principiado no imaginário infantil, por meio de assombrações e histórias fantásticas, tensionado em preces aos santos em meio ao pavor da morte, cotidianamente referenciado em dilemas espirituais, na busca por ajuda recorrendo-se à encantaria amazônica, com seus caboclos e pajés.

A respeito da crença no sobrenatural, o antropólogo Waldemar Valente (1963), assegura que, independentemente, da cultural e nível de conhecimento científico, praticamente, todas as sociedades possuem sua mentalidade marcada pelo misticismo. Algo que acontece tanto em vilas interioranas, como em metrópoles. A exemplo da questão trivial de se acreditar em sorte e azar “em função de pequenos fatores, como que tocados de força diferente daquelas que agem no mundo físico” (Valente, 1963, p. 14).

Valente (1963) ainda acrescenta, que o misticismo seria influenciado por diversos fatores: educação, política, economia, econômicos, e por fatores mesológicos — de natureza animal ou vegetal, climática e telúrica — de cada região determinada. Assim, onde houver menor possibilidade de a ciência explicar os fenômenos naturais, é provável, que haja a intensidade da crença no sobrenatural. A esse respeito podemos lembrar da relação do caboclo amazônica com a natureza local, com sua imensidão de rios e florestas, a provocar encantamento, medo, mistérios a empregar a cultura.

Na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A vida social ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentido de encantar-se com a explicação poetizante e alegórica das coisas. Procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em seu redor. Explicam os filhos ilegítimos pela paternidade do boto; os meandros que na floresta fazem os homens se perderem pela ação do curupira; as tempestades pela reação enraivecida da mãe-do-vento etc. (Loureiro, 2000, p. 102).

Assim, o caboco amazônida, como nos primórdios da humanidade, ainda se deixa conduzir pelo encantamento da natureza, o sobrenatural serve como entendimento para o desconhecido. E, por mais que o desenvolvimento da ciência e tecnologia tenha afugentado certas crenças, as narrativas míticas ainda alimentam e muito a vida cotidiana entre rios e florestas no Norte do Brasil, além de restaurarem dia a dia o misticismo que se guarda na memória e que alimenta práticas cotidianas, religiosidades e fazeres artísticos produzidos na região, fruto das intensas trocas culturais que nos constituem enquanto nação.

O patrimônio místico das áreas interioranas do Brasil construiu-se em torno de um longo processo de sincretismo que se iniciou com o encontro entre o catolicismo ibérico e as cosmologias indígenas nas aldeias missionárias fundadas pelos jesuítas nos séculos XVII e XVIII. As missões capuchinhas junto à população cabocla no século XIX e a vinda de africanos escravizados influíram ainda na conformação das crenças sertanejas que, entre adaptações e rupturas, constituíram uma forma singular de leitura de mundo. Nas áreas rurais do país, sobejam lendas e mitos da tradição popular das narrativas orais, muitas das quais foram exploradas por alguns de nossos autores em suas obras regionalistas (Castro, 2018, p. 178).

O encontro com o sobrenatural, por conseguinte, é um achado primoroso para artistas criadores. Atores, dramaturgos, literatos, encenadores, poetas buscam nas contradições entre certeza e hesitação, mistério e revelado, esquecimento e lembrança, pontos que se ligam às heranças mais antigas da humanidade, como contar histórias e a relação com o desconhecido. Desse modo, encantar-se com o que assombra, enfeitiça, enreda e fascina, nos mais inventivos desbravamentos, é ato longínquo e sempre presente nas ações humanas, que pode render as mais inventivas criações e reinvenções.

Dramaturgia penada

Seguindo, então, uma linha de pensamento que acompanharia o ser humano em seu trajeto de vida, iniciamos nossas interpretações recorrendo inicialmente ao mundo fantasioso das crianças, abordado por Levi Hall na peça *O Reino encantado*, que narra o passeio de três irmãos por ruínas de uma antiga construção, que os leva a fabular sobre um lugar mágico, em meio a fantasmas, seres fantásticos e memórias terríveis do tempo da escravidão. Eis o trecho do texto em que os protagonistas irmãos deparam-se com o desconhecido.

TERCEIRA IRMÃ, SEGUNDA E TERCEIRA VIZINHA

(Soltam gritinhos de terror e rapidamente se estreitam como que enlaçadas, juntas, poderem, com mais facilidade fugir ao sortilégio). Ui! Ui!

PRIMEIRA VIZINHA

Realmente, é fascinante, mas mete medo. Mas por que diabo veio parar esse casarão aqui?

PRIMEIRA IRMÃ

Era um ergástulo!

PRIMEIRA VIZINHA

Ergástulo? Que que é um ergástulo?

PRIMEIRA IRMÃ

Era a prisão dos negros punidos e dos negros fugidos no tempo de meus bisavós, no tempo da escravidão... Aqui os escravos eram encerrados, quando cometiam qualquer falta.

PRIMEIRA VIZINHA

E aqui morreriam, certamente. Este casarão está naturalmente cheio de almas penadas, isso sim, almas de escravos mortos.

PRIMEIRA IRMÃ

Mas é que uns escravos que aqui foram metidos por ordem do meu bisavô, cavaram, de uma feita, um subterrâneo que daqui ia bater no mar e por lá se escafederam, nunca se sabendo mais deles. Dizem que foram morar com a Mãe D'água, em seu Palácio de Cristal!

SEGUNDA IRMÃ

Bobagem! Papai diz que é bobagem. Eles morreram afogados com a maré alta, ou talvez tivessem apanhado um barco, mas morrido, de qualquer forma, na travessia, na baía encapelada.

PRIMEIRA VIZINHA

É fascinante! Mas eu não acredito. Eu não acredito em reinos encantados. O pai de vocês tem razão. Não existem.

(Moura, 2022, p. 65).

Normalmente, o desconhecido desperta no homem o medo, ele teme aquilo que não sabe. Como bem afirmou o escritor americano Howard Lovecraft (1987), o medo trata-se do mais antigo e intenso sentimento experimentado pelo ser humano. Na peça de Levi Hall, o temor das crianças está relacionado a um local, aparentemente construído ao ermo, “Mas por que diabo veio parar esse casarão aqui?” E que agora não passa de ruínas, como autor descreve em suas rubricas: “Cenário: Uma habitação em ruínas, nas proximidades da casa de residência, mas no meio do mato, cheia de vegetação, detritos, cacos de vidros, objetos velhos, teias de aranha, onde reina uma escuridão permanente” (Moura, 2022, p. 62).

Segundo o poeta e crítico literário espanhol Juan Eduardo Cirlot (1984, p. 506), as ruínas têm seu conceito circunscrito em “seu sentido simbólico óbvio e literal, significa destruições, a vida morta”. Ou seja, naquele lugar sentimentos, ideias, relações são parte de um passado destruído pelo transcurso do tempo, não há ali o calor da vida. Para Walter Benjamin (1990), as ruínas adquirem um significado alegórico para chegar à eternidade, alcançar o que não mais existe, ou que existe para além de nossa mortalidade, ao mesmo tempo que nos lembra de nossa brevidade.

De todo modo, o local, cenário da peça que desencadeia o mote da cena, não é assustador somente por estar se destruindo ao abandono, assusta aos personagens a história desse lugar, um “ergástulo” prisão ou calabouço, ambiente marcado pelo sofrimento. Algo que se foi, mas, estranhamente, de algum modo permanece, como se o sofrimento impingido ali, se fizesse eterno.

A trama infantil revela, então, uma face terrível da história humana, a escravização de pessoas negras arrancadas do continente africano. As assombrações logo serão os espíritos de pessoas sofridas, afligidas até mesmo depois de mortas. O sobrenatural acolhe e determina um destino àqueles que foram tão penalizados ao longo de suas vidas “almas penadas”. Os fantasmas tão comumente utilizados para meter medo às crianças, em outro aspecto, poderiam assombrar aquele cenário fictício como um modo de manter viva a memória de dor e desumanidade.

Os diálogos seguem entre os personagens, após terríveis agruras, na tentativa de fuga, os escravizados, provavelmente, morreram ao deparar-se com a força das marés, mas seu terrível destino é suavizado por suposto encantamento: “Dizem que foram morar com a Mãe D’água, em seu Palácio de Cristal! ”. Depois de tanta dor, tanto penar, eles encontram consolação e alívio nos braços de Iemanjá⁷, Mãe D’água. O que está além do mundo real, pode também, não só “penalizar as almas”, mas também recompensá-las depois de tantas agruras. O sobrenatural pode trazer esperança.

O modo como o autor apropria-se do universo infantil e, em uma cena tão curta e singela, poeticamente aprofunda questões tão pertinentes, demonstra a capacidade extremante sensível de Levi Hall lidar com essas temáticas.

E, por mais que as falas neste trecho da peça sejam concluídas com incredulidade, a poeticidade da cena já cumpriu seu papel – “Bobagem! Papai diz que é bobagem. Eles morreram afogados com a maré alta ...” “É fascinante! Mas eu não acredito. Eu não

⁷ Divindade africana dos mares, grande mãe dos peixes e dos homens.

acredito em reinos encantados. O pai de vocês tem razão. Não existem” – os mundos invisíveis, então, pela fala da personagem podem ser fascinantes, e, mesmo diante da incredulidade, também podem ser reconfortantes.

Dramaturgia mandingueira

As assombrações da infância dão lugar às encantarias do Fundo⁸ em *Maiandeu*, peça que conta a história de moradores da Vila da Barca na década de 40. Esta é uma comunidade localizada na periferia de Belém, ainda hoje marcada pelo descaso do poder público. “Ouve-se no decorrer de todo o ato, o perene escachoo das ondas, de encontro aos paus que suspendem, com palafitas, as barracas do solo e do lodo, e dá-lhes aparências de habitação lacustres” (Moura, 2022, p. 17). Feita a descrição do autor ido tantos anos, a Vila da Barca ainda se caracteriza por muitas habitações em palafitas sujeitas às águas da Bahia de Guajará.

O contexto da Vila da Barca, assim, é usado como pano de fundo para contar a história de Joana, menina muito inteligente e curiosa, que deseja conhecer Maiandeu, uma terra encantada localizada no litoral paraense. A crítica social vem junto com a presença do sobrenatural a atemorizar os personagens.

NOCA

Depois, o que não disseram quando essa menina era criança! Eu chorava, comadre, chorava para me acabar! Logo que ela nasceu, “mano” Manduca veio com as pajelanças dele, dizendo que os “mestres” tinham pedido a menina; que a menina não era deste mundo; que havia de trazer um sinal roxo entre os olhos...

COLÓ

E trouxe?

NOCA

Trouxe.

COLÓ

HEM!... HEM!... Com efeito!...

NOCA

Um vizinho meu, que era esotérico, me afirmou que a menina não se criava, porque nascera debaixo de vibrações dum tal de tátua da morte, sei lá! E quando ela teve varíola, aos três anos...

COLÓ

Ela teve varíola?

NOCA

Além de tudo quanto foi doença infantil; sarampo, escarlatina, catapora, papeira, coqueluche. Quando ela teve varíola, eu pensei que perdia minha filha! Chorava, comadre, chorava para me acabar! E a freira do isolamento dos variolosos ainda me veio dizer que ela tinha um aspecto de quem não se criava, e contar que havia sonhado com ela, já mocinha, mas no céu, penteando, com um lindo pente de prata, os cabelos de Nossa Senhora! E que sorria!... E que sorria!... Um sorriso de anjo ou de santa!...

⁸ Lugar mítico, referente ao fundo dos rios, lagos e igarapés, onde morariam seres encantados que compõem a um vasto panteão de divindades e espíritos na cosmologia amazônica e afro-indígena, na Amazônia e Nordeste brasileiro.

COLÓ

Veja só, comadre! ...

NOCA

Depois, quando ela já tinha onze anos – o ano passado – um espírita, o presidente daquela “seara” onde “seu” Benedito foi tomar “passes” – me disse que a Joana precisava “desenvolver-se” no espiritismo porque senão “desencarnava” brevemente. Imagine, comadre, os sustos que eu tenho passado por essa menina!

COLÓ

Com efeito, comadre!

NOCA

Depois, os sustos que ela própria me dava. Ainda “verdinha” a vida dela era escutar no chão, na terra, no soalho. Toda gente me dizia que não prestava criança andar a escutar no chão feito índio. Foi uma luta para tirar Joana desse hábito! Mas crescida, aos sete anos, tinha uns ataques ficava como morta. Era muito inteligente!

COLÓ

Não diga era. Era se diz para uma pessoa que já foi! Deus livre! Era e é.

NOCA

Sim. Era e é. Sempre foi. Não é por ser minha filha. Gosta muito de ler. O estudo é com ela. E principalmente de estudar cousa de religião, e ler histórias de fadas, de feiticeiras, de lobisomens. Tudo isso é pra deixar a gente impressionada. No outro dia saiu-se com essa história de Maiandeua.

COLÓ

Maiandeua, comadre?

NOCA

Sim. Diz-que uma terra encantada que fica entre Marapanim e Maracanã, onde há muitas praias. A senhora nunca ouviu falar nessa terra, comadre? Eu, me parece que tenho uma ideia. Se não me engano minha mãe falava nela.

COLÓ

Eu também já ouvi falar. É cousa do Fundo, comadre. Me lembro agora que mana Lorianana tinha um compadre que quando se “atoava” a “toada” que ele “tirava” falava dessa Maiandeua. Falava de um cavalo Alazeua correndo na areia de Maiandeua!

NOCA

Justamente comadre! E não foi o que “mano” Manduca nos disse? Ele levou um bandão de tempo a conversar sobre isso com a Joana. E logo a Joana, comadre, que não dispensa uma conversa dessa! Eu até já pedi ao Manduca que deixasse de meter essas cousas na cabeça de Joana. Joana é muito impressionada. Sabe o que ela me disse, nesse dia, depois que o tio saiu, comadre? Me disse que queria ir para essa tal de Maiandeua!

(Moura, 2022, p. 20-22).

A falas iniciam indicando que Joana nascera predestinada, o que está relacionado ao fato de ter sido escolhida pelos “mestres”. O sobrenatural se instala desde o começo do diálogo e diz respeito às pajelanças e encantarias amazônicas. Os mestres a que se refere a personagem são entidades, espíritos, encantados pertencentes ao imaginário amazônico, se manifestam naqueles que foram escolhidos por desígnios da espiritualidade; essas pessoas teriam um dom xamânico, seriam pajés de nascença como costuma se referir a tradição afro-indígena àqueles que nasceram assim predestinados. Contudo, é algo que assusta porque aquele que é escolhido para esta missão/função precisa dedicar-se ao aprendizado dos encantados.

Os encantados são normalmente “invisíveis” aos olhos dos simples mortais; mas podem manifestar-se de formas diversas. A partir dessas formas distintas de manifestação, eles são pensados em três contextos, recebendo, por isso, denominações diferentes. São chamados de bichos do fundo quando se manifestam nos rios e igarapés, sob a forma de cobras, peixes, botos e jacarés. Nessa condição, eles são pensados como perigosos, pois podem provocar mau olhado ou flechada de bicho nas pessoas comuns. Caso se manifestem sob a forma humana, nos manguezais ou nas praias, são chamados de “oiaras”; neste caso, eles frequentemente aparecem como se fossem pessoas conhecidas, amigos ou parentes, e desejam levar as pessoas para o fundo. A terceira forma de manifestação é aquela em que eles, permanecendo invisíveis, incorporam-se nas pessoas, quer sejam aquelas que têm o dom “de nascerça” para serem xamãs, quer sejam as de quem “se agradam”, quer sejam os próprios xamãs (pajés) já formados: neste caso, são chamados de caruanas, guias ou cavalheiros. Ao manifestar-se nos pajés, durante as sessões xamanísticas, os caruanas vêm para praticar o bem, sobretudo para curar doenças (Maués, 2005, p. 265)

A pessoa destinada a receber ou comunicar-se com os encantados estaria desde o nascimento envolta pelo sobrenatural. É comum ouvirmos relatos como este tanto no interior do estado, como na capital paraense. “Logo que ela nasceu, “mano” Manduca veio com as pajelanças dele, dizendo que os “mestres” tinham pedido a menina”.

Os encantados também marcariam seus escolhidos, manifestando situações comuns àqueles que viriam encarnar-se com a missão espiritual de ser pajé, como o adoecimento e experiências de quase morte “por outro lado, como foi visto, os encantados são perigosos, pois podem provocar doenças [...] bem como levá-las para o fundo – onde poderão se tornar outros encantados” (Maués, 2005, p. 265).

A personagem Joana teria passado por estas situações “quanto foi doença infantil; sarampo, escarlatina, catapora, papeira, coqueluche. [...] E a freira do isolamento dos variolosos ainda me veio dizer que ela tinha um aspecto de quem não se criava”. Manifestando também o dom de se comunicar com o invisível “Depois, os sustos que ela própria me dava. Ainda “verdinha” a vida dela era escutar no chão, na terra, no soalho. Toda gente me dizia que não prestava criança andar a escutar no chão feito índio”

E sendo reconhecida por outros com os dons parecidos com o dela “quando ela já tinha onze anos [...] um espírita, o presidente daquela “seara” onde “seu” Benedito foi tomar “passes” – me disse que a Joana precisava “desenvolver-se” no espiritismo porque senão “desencarnava” brevemente”.

O dramaturgo traça uma série de acontecimentos que ao serem mencionados vão sobrepondo-se como camadas místicas a caracterizar a personagem, de modo a não

veremos senão conforme seu destino rumo à encantaria. Interessante é se, tivermos a possibilidade de viajarmos ao interior da Amazônia, poder-se-á ouvir, ainda, de populares, relatos semelhantes, sobre a encantaria e seus escolhidos. Que, assim, como a personagem Joana, tem algo de especial, parecem predestinados a conhecer outros mundos:

Sim. Era e é. Sempre foi. Não é por ser minha filha. Gosta muito de ler. O estudo é com ela. E principalmente de estudar coisa de religião, e ler histórias de fadas, de feiticeiras, de lobisomens. Tudo isso é pra deixar a gente impressionada. No outro dia saiu-se com essa história de Maiandeua (Moura, 2022, p. 20).

A fala acima parece determinar a culminância de uma trajetória conduzida por aspectos sobrenaturais. O pajé, xamã, escolhido anseia juntar-se aos mestres, parece sentir falta da encantaria como se aquele lugar lhe chamasse, como se ali de fato fosse seu lugar.

[...] um lugar no fundo dos rios, onde os deuses e mitos habitam. A encantaria é um olímpio submerso, é um lugar da moradia dos deuses que estão repousando no fundo dos rios. Por isso eu imagino que a paisagem amazônica é amazônica porque ela é floresta, rio e encantaria. É isso que faz a diferença em relação a outras paisagens, porque natureza tem em toda parte do mundo. Então a encantaria, é o que poetiza o rio e a cultura amazônica. Quem estuda literatura sabe que chamamos isso de maravilhoso épico. A encantaria é o maravilhoso do rio é a impregnação no rio da mitologia, do lendário, do sobrenatural. Impressão produz uma poetização do rio, porque lhe dá uma dimensão além da dimensão concreta que as águas e as margens conferem ao rio (Loureiro, 2002, p. 149).

A ilha de Maiandeua mencionada na peça teatral de fato existe, é popularmente conhecida como Algodoal, destino paradisíaco de muitos turistas. Localizada numa região próxima ao município de Maracanã, no estado do Pará, é uma área de proteção ambiental banhada pelas águas oceânicas. Também imersa em rico e misterioso imaginário, que sobre o lugar dita acontecimentos fantásticos.

Assim, a Maiandeua real faz alusão a seres e lugares encantados presentes no imaginário amazônico, alimentado por narrativas míticas de diversos povos indígenas, europeus e africanos. O mundo encantado seria um mundo submerso como a Atlântida dos gregos, cidade da dama do lago para os pescadores da Bretanha ou o reino aquático de Aiocá para os africanos. Referendando sempre algo oculto, um mundo espiritual, um primórdio mágico. O sobrenatural como o próprio princípio de vida de Joana.

Personificado em “uma terra encantada que fica entre Marapanim e Maracanã, onde há muitas praias” (Moura, 2022, p.21), “morada de coisas belas, que só quem já sonhou e lutou pelo que se sonha é capaz de enxergar” (Soares, 2022, p. 110). Tal qual um paraíso perdido, busca ideal de todos povos para viver dias felizes. Ou ansiado por cada um de nós mediante nossos sonhos e desejo de bem-estar, encontrar um lugar aprazível onde se possa viver distante das agruras deste mundo tão vasto e sofrível em que ainda se vive...“a senhora nunca ouviu falar nessa terra, comadre? ” (Moura, 2022, p. 21).

Considerações finais

O dramaturgo paraense Levi Hall de Moura ciente de seu tempo e da importância da liberdade de direitos e expressão lutou bravamente em prol de causas sociais a favor dos menos favorecidos e injustiçados por governos ditatoriais. Deixando como marca de sua ação política, intelectual e artística uma obra atravessada por encantamentos que, possivelmente, eram um alívio para momentos tão tensos vividos por ele.

O dramaturgo ao apropriar-se do imaginário amazônico e criar peças dedicadas a diversos públicos, adultos e crianças, com situações inventivas e poéticas, tecendo críticas sociais, rememorando fatos da cultura local, proporcionando risos e reflexões a quem deseje conhecer sua obra, agiganta a literatura dramática produzida pelos amazônidas. Ao engendrar em seu texto o aspecto sobrenatural, evidenciado em temáticas, personagens e tramas, traz à cena fatos históricos e realidades socioculturais vividas pelos paraenses, mas também conhecidas dos demais brasileiros, conforme as especificidades locais, pobreza, religiosidade, misticismo, mitologia, também presentes em todo o mundo.

Levi Hall ao enfatizar em sua obra dramática a força do sobrenatural o faz sem o desvincular do imaginário amazônico. Cria deslumbramentos, retrata lugares encantados e entidades espirituais, ou rememora a escravidão por meios de fantasmas que ainda nos assombram. Toma como mote ficcional e poético, os mistérios que nos aludem à alma e permeiam o inconsciente coletivo.

O autor, assim, tece suas tramas a nos emaranhar por meio do medo, lembrança, encantamento e susto. Quem sabe ele mesmo não se encantou?! E nos espia de sua Maiandeua.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *El origen del drama barroco alemán*. Madrid: Taurus, 1990.
- CASTRO, Hélder Brinate. *O sobrenatural no regionalismo brasileiro do final do século XIX e do início do XX*. Revista Versalete. Curitiba, Vol. 6, nº 10, jan.-jun. 2018.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Encantaria da Linguagem*. Cronos. Natal-RN, vol. 3, n. 1, p. 147-150, 2002.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica - Uma Poética do Imaginário*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião*. Estudos Avançados. São Paulo, vol. 19, n. 13, p. 259-274, 2005.
- MOURA, Levi Hall de. 22 anos de Espera. *Em Cena*. Belém, [s. vol.], n. 1, maio de 1977. Disponível em: <http://cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PEMCEPA051977005.pdf>.
- MOURA, Levi Hall de. *Peças Teatrais de Ramon Stergmann*, vol.1. (Org.) Bene Martins, Mailson Soares e Zeffa Magalhães. Belém, PPGARTES-UFPA: 2022.
- PAVI, Patrice. *Dicionário do Teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- RAMOS, Yasmin de Almeida. *A dramaturgia de Levi Hall de Moura na história do teatro paraense*. Anais do III Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e XX Encontro de Letras, 2018, p. 01-16.
- RAMOS, Yasmin de Almeida; PANTOJA, Carlos Augusto Nascimento Sarmento. *O Terreno e o infante: uma reflexão entre a personagem infantil e o espaço no romance de Levi Hall de Moura*. In: Nas tramas da ficção: estudos aplicados da narrativa. Alessandra Conde, Thiago Machado, Luana da Silva Coelho (Organizadores). 1. ed. Castanhal, PA: UFPA/Faculdade de Letras, 2024.
- SOARES, Mailson de Moraes. *Entre a luta e o sonho, ele se encantou* (Posfácio). In: *Peças Teatrais de Levi Hall de Moura*. Belém, PPGARTES-UFPA: 2022.

Recebido em: 01/06/2026

Aceito em: 02/07/2026